
No cruzamento entre sociologia e sociodrama

Madalena Ferreira Nunes

Introdução

A presente comunicação centra-se numa prática profissional que atravessa pelo menos duas disciplinas: a Sociologia e o Sociodrama. O perfil profissional que actualmente incorporo tem como matriz a Sociologia. Esta antecedeu o sociodrama, não só cronologicamente¹ mas em importância. Desde logo, importância afectiva resultante da aculturação conseguida pela Universidade em 5 anos de estudo, e de experiências profissionais variadas no campo da Sociologia. Importância, também, como disciplina, pois a força e a consistência da ciência sociológica são descomunais face às do Sociodrama, uma disciplina periférica, cuja dimensão teórica e cuidados na execução não são suficientes para lhe dar estatuto científico.

Aproveitando a criação, em 1999, de formação específica em Director de Sociodrama, ingressei no curso que me veio a dar muitas das ferramentas que actualmente utilizo. Vale a pena salientar que o trabalho que hoje desenvolvo com recurso ao Sociodrama já antes desenvolvia mas sem a ele recorrer; refiro-me à intervenção no campo da exclusão social, particularmente junto de populações juvenis. O Sociodrama veio mostrar caminhos e, portanto, alargar as possibilidades de incremento daquilo que antes desempenhava como socióloga. É nesse cruzamento entre uma formação de base em Sociologia e uma formação complementar em Sociodrama, aplicado a uma área concreta de trabalho (a intervenção social junto de jovens), que se colocam as questões que venho por esta via apresentar. Julgo que o Sociodrama pode contribuir para o trabalho sociológico em diferentes dimensões. No presente texto, dar-se-á relevância ao da recolha de informação sobre populações que vão ser alvo de intervenção. Em vez de, como normalmente acontece, se fazer primeiro um levantamento acerca da população para depois intervir, o Sociodrama permite fundir num processo concomitante a recolha de dados e a intervenção no terreno.

Iniciarei esta apresentação com um relato acerca da instalação e da situação que actualmente ocupa o Sociodrama em Portugal. Prevendo que possa ter leitores alheios ao Sociodrama, farei uma curta descrição da própria metodologia sociodramática. Prosseguirei com alguns tópicos concretos retirados da minha experiência como *Directora* de um grupo de Sociodrama e terminarei com o levantamento de alguns pontos de familiaridade entre o Sociodrama e a Sociologia à luz da experiência descrita.

Processo de implantação em Portugal e situação presente

Prescindo de trazer para o debate a questão da coexistência de mais que uma corrente no Psicodrama. A quem goste de arrumar filiações, informo apenas que a minha formação cresceu no contacto com o Psicodrama moreniano.

O Sociodrama e o Psicodrama foram conceptualizados por Jacob - Levi Moreno (1889-1974), médico psiquiatra de origem arménia. Ao emigrar para os E.U.A. nos anos '30, cimentou a difusão destes dois métodos de intervenção que partilham técnicas e instrumentos mas têm objectivos e conteúdo distintos, sendo o Psicodrama uma terapia individual em grupo e o Sociodrama um método de gestão de dinâmicas grupais.

Em Portugal, após algumas experiências esporádicas, com workshops e formação orientados por especialistas estrangeiros, o movimento do Psicodrama tem início em 1984. Vem

¹ A formação em Sociodrama requer uma licenciatura prévia, logo, todos os sociodramatistas, antes de o serem já estão filiados nalguma disciplina científica.

sendo promovido pela Sociedade Portuguesa de Psicodrama (S.P.P.), que abrange o Sociodrama e tem exclusividade na formação. Como até há pouco tempo não existia formação específica em Sociodrama, os sociodramatistas eram sempre psicodramatistas, ou seja, psiquiatras, psicólogos e psicoterapeutas com formação em Director de Psicodrama e que raramente (se é que em algum caso!) se dedicavam preferencialmente ao Sociodrama.

Tendo sido criado por um médico psiquiatra que também concebeu o Psicodrama e estando ainda sob o controlo de psicólogos e psiquiatras, o Sociodrama foi (e ainda é) muitas vezes tratado como um irmão menor do Psicodrama, este, sim, com a missão nobre de tratar indivíduos em sofrimento. O Sociodrama partilha fases, instrumentos e técnicas com o Psicodrama. Este, enquanto psicoterapia (ainda que de carácter algo singular, por se centrar na interacção e não exclusivamente nas dimensões internas aos indivíduos), era facilmente classificável nas ciências médicas. Já o Sociodrama, pela multiplicidade de possibilidades de aplicação e de objectivos, a par da inexistência de formação específica e consequente exclusividade do seu exercício para os psicoterapeutas, tornava-se muito mais impreciso, fluído e, portanto, “menos sério”.

Em 1999 a S.P.P. criou uma formação específica em Director de Sociodrama abrindo-se assim pela primeira vez a licenciados em ciências sociais e humanas. Foi este o curso que frequentei, num grupo em que fui a única socióloga². Embora muitos psicodramatistas sejam também professores universitários e haja disciplinas em várias licenciaturas portuguesas que, sob outros nomes, tratam de Psicodrama e Sociodrama³, a formação em Director de Sociodrama e de Psicodrama permanece fora da Academia e continua da responsabilidade da S.P.P. Esta independência tem vantagens e custos que não vou analisar aqui. Para a questão em apreço - da abertura a formações de base não psicoterapêuticas - tem como consequência uma enorme lentidão na respectiva difusão.

De facto, a recente aceitação de profissionais diversificados não equivaleu a uma divulgação generalizada. O Sociodrama continua a ser desconhecido de grande parte da população e é muitas vezes, ou associado a uma ingenuidade humanista que já não tem lugar após ‘o fim das utopias’, ou encarado como algo enigmático e de difícil apreensão.

Metodologia sociodramática

Precisamente porque acredito que são numerosos aqueles que não têm qualquer representação de uma sessão de sociodrama, proponho-me descrever o processo sucintamente, pedindo desculpa pela insistência aos que já estão com ele familiarizados.

O Sociodrama consiste num processo de acção grupal que visa a resolução de problemas inerentes ao grupo. Se optarmos por uma perspectiva formativa, podemos defini-lo como um meio de aprendizagem que visa dar a possibilidade de praticar a resolução de problemas relacionais internos ao grupo ou do grupo face ao exterior através da utilização de técnicas activas. A ideia de “praticar” é fulcral por traduzir a possibilidade de recriar situações, tantas vezes quantas as pretendidas e com as variações que se quiserem imaginar. As situações recriadas podem ser reais, na medida em que são reproduções da vida do grupo. Podem também ser imaginadas, ou seja, nunca aconteceram na realidade mas são ali experimentadas

² Tive por colegas um enfermeiro, um professor licenciado em Geografia, uma técnica superior de serviço social, uma psicóloga e uma educadora social. A formação é constituída por 150 horas de formação teórica, 100 horas de formação prática (participação num grupo de psicodrama ou de sociodrama) e 100 horas de supervisão (acompanhamento do formando na direcção do seu próprio grupo).

³ Por exemplo, “Seminário de Dinâmica de Grupo” na licenciatura em Educação Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, ou “Técnicas de Dramatização” no curso de Psicopedagogia Clínica da Universidade Moderna. Outros estabelecimentos de ensino superior acolhem extracurricularmente workshops sobre o tema, como é o caso do Instituto Superior de Serviço Social do Porto.

independentemente de o grupo sentir a sua ocorrência como mais ou como menos provável. Estes ‘ensaios’ têm lugar no mesmo grupo da ‘vida real’ mas com a mediação do *Director* e do *Ego Auxiliar* e, portanto, num contexto protegido.

Quando se fala em resolução de problemas não se quer defender uma visão de consensualidade da realidade social nem minimizar as funções do conflito. Daí que a identificação dos problemas a versar é sempre do grupo e a finalidade não é eliminar o problema, mas sim diversificar as respostas possíveis dos elementos do grupo às situações do quotidiano exercitando a *espontaneidade*⁴.

Na prática, o Sociodrama traduz-se em sessões dinâmicas junto de grupos pré-existentes, isto é, que não se constituem especificamente para as sessões (por exemplo, uma equipa de trabalho, um grupo de vizinhos, um conjunto de amigos, uma turma escolar, um grupo de pacientes de um mesmo hospital...). Pode ser utilizado com qualquer conjunto de pessoas que partilhe algum papel social, desde que os seus elementos queiram ter momentos para olhar para o conjunto de que fazem parte e diversificar as vias de comunicação internas e com o exterior.

A periodicidade das sessões varia com o grupo concreto e com os objectivos específicos previamente definidos em conjunto, podendo ser bissemanal, semanal, quinzenal ou outra.

As sessões devem seguir determinadas *fases* (aquecimento, dramatização e comentários ou partilha), recorrendo a vários *instrumentos* (protagonista, auditório, director, egos auxiliares e cenário) e a um determinado tipo de *técnicas* (por ex. inversão de papéis, espelho, estátua, solilóquio, etc.).

Correndo o risco de simplificação excessiva, resumirei em que consistem as fases, os instrumentos e algumas das técnicas dos Sociodrama. O grupo encontra-se num espaço (uma sala, um pátio, um jardim...) dispondo-se sentado em U e deixando no centro um espaço livre a que se chama palco. Qualquer sessão de grupo (seja ou não de Sociodrama) necessita de um tempo inicial de adaptação ao contexto para que os seus elementos relaxem e possam sentir-se à vontade para interagir. Esta fase, chamada *aquecimento*, pode fazer-se por interacção não provocada ou através de “jogos de aquecimento” propostos, que têm a função específica de facilitar o entrosamento dos membros no grupo. A algum momento do aquecimento específico surgirão os elementos concretos que colhem a adesão do grupo e que serão o tema central da sessão. É esse tema que vai ser objecto de *dramatização*, ou seja, de reconstituição. “Os factos são mostrados e não mais descritos. (...) O corpo, mais do que a palavra, tem aqui a supremacia”⁵ com o que isso comporta de revelação acerca da realidade vivencial do(s) protagonista(s), tanto para o(s) próprios(s) como para os que assistem. A ideia subjacente à importância atribuída à fase da dramatização consiste em considerar que há uma maior riqueza comunicativa no “pôr em acção” do que a que há nas descrições ou nas narrativas. Sem pretender substituí-las, o Sociodrama chama a atenção para aquilo que usualmente escapa ao discurso verbal pretendendo por esse meio permitir uma compreensão mais lata das situações sociais vividas pelos grupos. Terminada a dramatização, o(s) protagonista(s) sentam-se de novo e podem comentar o que viram durante a dramatização ou o que sentiram no seu decurso. Há quem prefira chamar a esta fase *partilha*, acentuando o envolvimento pessoal e recusando o cariz interpretativo associado à palavra *comentários*. O ego auxiliar e o director também partilham/comentam, antes de se dar por finda a sessão.

No que respeita os instrumentos, o *protagonista* é a pessoa (ou são as pessoas) que se destaca(m) no grupo pela premência dos temas que trazem para a discussão, acabando por lhes dizer respeito a fase da dramatização. No Sociodrama é comum todo o grupo ser o protagonista. Quando isto acontece, não há *auditório*. Em caso contrário, o auditório é composto por aqueles

⁴ O conceito de espontaneidade é fulcral na teoria concebida por Moreno. Pode resumir-se como a capacidade de dar respostas, novas e ajustadas, à realidade em mudança. Ver, por exemplo, MORENO, J. L., *Fundamentos do Psicodrama*, S. Paulo, Summus, 1983 (traduzido de *Psychodrama – Foundations of Psychotherapy*, N. York, Beacon House, 1959)

⁵ ABREU, J. L. Pio de, *O Modelo do Psicodrama Moreniano*, Coimbra, Quarteto, 2002 (2ª edição), p. 25.

elementos que não estão directamente envolvidos na dramatização. O *director* é o responsável pelo andamento de toda a sessão. Inicia e encerra a sessão, identifica o(s) tema(s) e os(s) protagonista(s) emergentes, aplica as técnicas podendo socorrer-se de *egos auxiliares*. Os egos auxiliares interagem com o(s) protagonista(s) durante a dramatização personificando pessoas ausentes ou figuras imaginárias. Qualquer membro do grupo pode ser escolhido pelo(s) protagonista(s) para ser ego auxiliar mas é conveniente que o director possa contar com egos profissionais com treino em sociodrama ou psicodrama. O *cenário* equivale ao palco e é simbolicamente um espaço de liberdade que pode ser preenchido com os adereços imaginados pelo(s) protagonista(s) para cada situação.

São várias as técnicas que se podem utilizar durante a dramatização mas uma foi definida por Moreno como a mais importante: a *inversão de papéis*. Consiste na colocação do(s) protagonista(s) na parte contrária durante o processo de interacção de forma a sentir o efeito da sua própria comunicação. Trata-se de vivenciar em si próprio as experiências dos outros, sobretudo as que são por si causadas. Tem como objectivos principais a compreensão da motivação dos outros e a percepção do seu próprio papel na posição em que ele é desempenhado. Deste modo, pretende-se que o grupo e os seus elementos considerem numa perspectiva mais vasta as situações representadas. As *estátuas* são representações estáticas, com recurso a objectos e a egos auxiliares, do modo como se vê determinado tema, situação, pessoa, etc. e têm como função exercitar a expressão e a observação, e permitir a partilha de tópicos a respeito dos quais o(s) protagonista(s) tem dificuldades de verbalização. O *espelho* é outra técnica chave. O(s) ego(s) auxiliar(es) coloca(m)-se diante do(s) protagonista(s) retratando-o(s) como se de um espelho se tratasse. Utiliza-se para permitir ao(s) protagonista(s) aperceber(em)-se de determinados aspectos da sua postura, conduta ou comunicação que são evidentes para os outros. Em Sociodrama tem grande relevância a utilização de *jogos*. Para além de um elenco alargado de jogos prontos a serem utilizados ou adaptados, o director pode imaginar outros que creia adequarem-se melhor à situação que o ocupa no momento.

Trabalhando com um grupo

Uma das experiências de âmbito profissional contextualizada pelo cruzamento disciplinar de que neste texto me ocupo traduziu-se no trabalho directo com um grupo de adolescentes frequentadores de um Centro Comunitário da cidade do Porto. Durante 8 meses e ao longo de 29 sessões acompanhei, juntamente com um colega, um grupo de 10 adolescentes, 6 rapazes e 4 raparigas, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos. Todos frequentavam a mesma escola e habitavam 2 bairros contíguos de uma freguesia da cidade do Porto. O Centro Comunitário onde decorriam as sessões proporcionava-lhes apoio ao estudo e algumas actividades de lazer. A ausência de suporte familiar adequado, as histórias de insucesso escolar e o comportamento rebelde eram apontados pelo Centro Comunitário para justificar a classificação destes (e de outros) adolescentes como problemáticos e para sugerir a sua integração no grupo. Tanto a sua adesão inicial ao grupo como a sua presença semanal eram, obviamente, voluntárias. O conjunto de adolescentes que aderiu não constituía na sua totalidade um grupo de amigos ainda que alguns dos seus membros tivessem relações de amizade.

Vi nesta oportunidade a ocasião para conhecer o meio a que pertenciam os adolescentes tal como era subjectivamente percebido por eles. Permitindo o conhecimento em profundidade da vivência dos adolescentes locais, o Sociodrama constituiu uma via para recolher informação acerca do meio social de implantação do Centro Comunitário. Face às técnicas usuais de recolha de informação, o Sociodrama teria a vantagem de permitir aos membros do grupo e aos interventores desmontar, no próprio acto de recolha, a *naturalidade* das maneiras de ser e de estar. O Sociodrama favoreceu uma releitura, pelos adolescentes, das situações por eles vividas, possibilitando a descodificação das lógicas que pudessem ter tornado vantajosa para eles a permanência numa situação classificada de “desviante”. Tentou-se, pois, que o Sociodrama constituísse um processo que coloca em paralelo a recolha de dados e a intervenção no terreno. A

recolha de dados é sistematizada pelo orientador do grupo a partir das acções que lhe é dado propor e presenciar através da dramatização nas sessões. Neste processo, não é só o orientador que conhece o grupo e o meio social a que este pertence, mas é também o próprio grupo que se conhece a si mesmo e o seu meio social. A intervenção no terreno opera-se pelas transformações que a vivência grupal possibilita através da experimentação de papéis e da releitura das situações sociais. Pela natureza do Sociodrama, são os membros do grupo que definem e hierarquizam as suas necessidades, não havendo intervenção social em direcções contrárias às assumidas pelo grupo.

Segue-se uma breve descrição da vivência destes adolescentes obtida pelo mesmo acto em que se possibilitava aos “vivenciadores” uma releitura da sua auto-apresentação.

Podemos referir uma consciência, por parte desses adolescentes, de diferença de classe com repúdio e ridicularização dos meios sociais distintos. Essa conflitualidade social reflectia-se em atitudes de tipo diverso, desde a preocupação em adoptar uma aparência visual diferente da dos adolescentes mais abastados até incursões ao Colégio de “betos” existente na zona para lhes “sacar telemóveis” ou, na maioria das vezes, só para os assustar. Estas incursões eram pautadas por um espírito lúdico de diversão e ousadia sem que as eventuais ameaças fossem proferidas “a sério” pelos perpetradores. Quanto à preocupação com a aparência visual, era patente na adopção de uma postura corporal distintiva, no cuidado com a expressividade física e na selecção das marcas usadas, embora não escondessem que o acesso às marcas se fazia nas feiras onde é possível encontrar produtos “verdadeiros” que foram desviados do mercado legal. Mormente entre os rapazes, o penteado assumia um relevo não desprezável. Num grupo onde a comunicação era muito física, por vezes mesmo com confronto de certa violência (os encontrões, as “cepas”) ou com toque amistoso mas de força elevada (as potentes palmadas nas costas), o impedimento de tocar na cabeça era contrastante mas justificava-se pela preocupação em manter o penteado. Ainda entre os rapazes, era usual a comparação de bonés e sapatilhas. Transversal aos dois géneros é o papel dos telemóveis, comparados nas marcas e nas funções. Só vale a pena ter um telemóvel se for de uma das marcas apreciadas. Os jogos, o envio de mensagens e a participação por sms em concursos televisivos revelam a sua utilidade como objecto de lazer, de sociabilidade e de distinção.

Outro recurso tecnológico com peso assinalável no quotidiano destes adolescentes é a televisão. Aqueles que têm acesso (sempre ilegal) à programação por cabo exibem a sua familiaridade com apresentadores, programas e telediscos para fascínio dos que apenas dispõem dos 4 canais nacionais. Os programas humorísticos, de anedotas e com conteúdo sexual, os concursos, a publicidade, algumas telenovelas, programas juvenis de música e o futebol são os preferidos de todos os grupos. O tempo passado em casa é em grande parte vivido em frente da televisão. Expressões verbais, gestos e tiques de figuras televisivas são accionados nas interacções como se de um código para iniciados se tratasse.

Nos períodos de pausa lectiva continuam a acompanhar as famílias em visita às localidades de origem. São as “férias na aldeia”, encaradas com alguma sobrançeria, tanto pelo grupo de pares como pelos próprios, apesar de lá fazerem amigos e terem momentos bem passados (com destaque para os banhos de rio). A maioria destes adolescentes vivem com a mãe e os irmãos ou estão entregues a tios ou a avós. Regra geral, a geração originária do local onde passam férias é a dos avós.

Quando na cidade, utilizam pouco os equipamentos que esta pode proporcionar. Duas actividades que todos partilham são o estar na rua e o passear, sendo que a deambulação raras vezes ultrapassa as ruas em torno do bairro de residência. Os rapazes tanto vêm para a rua e passeiam sozinhos como em grupos. As raparigas fazem-no aos pares e também em grupo. Nesta ocupação dos espaços exteriores os sexos não se misturam mas cruzam-se, e muitas vezes desafiam-se com piadas provocatórias ou mesmo insultos. Por vezes formam-se pares de namorados que podem durar um dia ou várias semanas, até cada um regressar aos seus amigos do mesmo sexo. Aí, é recebido com satisfação mas ridicularizado... até ao “abandono” seguinte. Parte destes adolescentes ficam-se por amores à distância, partilhados com amigos. Esta atitude é

particularmente evidente entre raparigas. Aliás, foi apenas entre elas que surgiu o conversar como actividade de ocupação de tempos livres. Para conversar, assume especial importância a melhor amiga e a sua capacidade para guardar segredos. Genericamente, mais do que os namoros (que ainda nem todos tiveram e que, quando existiram, foram breves) é a amizade o valor realçado pelos adolescentes. Esta assume para todos a forma de companheirismo e camaradagem mas também de lugar de fidelidade e de confiança.

Os passeios transformavam-se por vezes em incursões a locais mais distantes. Um grupo de rapazes tinha por distração ir à sucata de uma pequena localidade periférica (Rio Tinto) com o objectivo de “virar carros” com a força dos próprios braços. Depois de extenuados, apanhavam o autocarro de regresso. Outra das actividades derisórias que colhia o divertimento de um grupo, este misto, era a de ir atirar pedras às operárias na hora da saída de uma fábrica local, com a intenção de “desafiar” e nunca de “atingi-las”. A par do desafio aos “betos” do Colégio, o desafio às operárias foi reconhecido também como um sinal de repúdio por um grupo que se despreza. “Betos” e operárias não sabem gozar a vida, não sabem divertir-se e há quem se divirta à custa deles.

Um dos rapazes do grupo tem um irmão mais velho que é *graffiter*, o que lhe dava, a ele e aos amigos, o privilégio de poder acompanhar os *graffiters* nas suas actividades. Os *graffiters* são extremamente bem vistos pelos mais novos. Admiram-lhes a capacidade artística, o respeito pelas *crews*⁶ rivais, a ousadia na escolha de locais de difícil acesso e a seriedade na preservação da cidade (quer-se uma actividade marginal mas não vândala). A vontade de aproximação aos *graffiters* era visível na utilização da terminologia especializada que lhes é própria e na iniciação ensaiada em locais mais recônditos, como era o caso do interior de uma fábrica desactivada.

Alguns destes adolescentes também desenvolviam actividades enquadradas pelo grupo desportivo local. As modalidades mais procuradas eram o futebol e a capoeira. Os campeonatos inter-escolas de futebol eram um foco de grande entusiasmo, onde se produziam manifestações de defesa local e ataque verbal aos do exterior. Também havia campeonatos de capoeira, com viagens a outras cidades. Mas a filosofia desta actividade já não se prestava ao surgimento de disputas locais.

Na defesa que estes adolescentes fizeram dos seus bairros demonstraram acutilância ao realçar como fonte de orgulho a pureza da droga que lá é vendida e a honestidade dos *dealers* locais. Relativamente ao consumo de drogas, o heroinómano de rua é objecto de medo. Demonstraram desconhecimento de termos técnicos já vulgarizados (toxicodependente/toxicodependência) a par de uma grande familiaridade com a aparência e as formas de administração de algumas substâncias.

A sexualidade foi um tema recorrente. Os rapazes alardeando uma sexualidade exteriorizada, de atrevimento verbal e gestual centrado na genitalidade. Esse alarde tinha como destinatários os seus pares do mesmo sexo. Às raparigas do grupo, tanto censuravam o romantismo à distância, que consideravam excessivo, como o gosto em namorar de facto. As raparigas demonstravam condescendência perante tais apreciações. A preocupação em “ser giro” atingia tanto rapazes como raparigas. A homossexualidade era vista por eles como um assunto de medicina: é uma doença que pode ser tratada, “algo errado” que pode ser corrigido por especialistas.

Quanto à escola, é vista como um local de restrição, mas onde se pode encontrar amigos. A figura do professor, ou é a do “louco” (como o caso de um professor que conversa com pedras, ou de outra que os deixa sair da sala sempre que querem) ou é “para ser gozado” (ridicularizado), quer frontalmente (nas aulas), quer ocultamente (fora das aulas e da sua presença). De notar que os professores “loucos” nunca lhes mereceram “gozo”.

Para se ser bem-sucedido na escola acham que é necessária uma grande força de vontade e muito esforço para estudar. A larga maioria considera que não compensa o esforço necessário para virem a ter as profissões que idealmente desejariam (ex. veterinário, educadora de infância).

⁶ *Crews* ou *crus* são equipas de *graffiters* que pintam juntos e têm uma assinatura colectiva.

Preferem reformular expectativas a incluir a escolaridade avançada nos seus projectos de vida. A perspectiva que têm para quando forem adultos (dali a quinze anos) é estarem ainda a viver em casa da família, solteiros e com uma profissão de que não gostam. Apenas um elemento do grupo se imagina casado, com filhos e a viver emigrado com a família na Holanda, onde ganha muito dinheiro. Se ousam imaginar para além do que calculam ser a probabilidade mais certa, vêem-se como jogadores de futebol, actores, modelos ou vencedores de algum concurso televisivo que os lançou na fama e nos circuitos das festas reportadas em revistas. Já numa fase final das sessões de sociodrama surgiu nas suas idealizações de futuro a transformação em profissão do modo como usam os seus tempos livres (por exemplo, ser professor de educação física, fazer tatuagens, decorar paredes como tradução adaptativa do *graffiti*...).

Um requisito fundamental para a conquista de confiança mútua necessária ao desenvolvimento das sessões foi o compromisso de sigilo relativamente a tudo o que se passava no seu decurso. Esse compromisso foi cumprido independentemente das flutuações na relação de grupo e dos conflitos surgidos. A agressividade tão presente na forma de relacionamento entre estes adolescentes nunca tomou a forma da delação.

Pontos de Intersecção

Tentei des preocupadamente fazer um esboço livre dos adolescentes daquela comunidade tal como os conheci através do grupo de Sociodrama. O acompanhamento diacrónico do grupo permitiu-me uma leitura ao longo do tempo que não transmiti neste esboço mas que espreitará nas considerações que se seguem.

Teria, sem dúvida, elementos para fazer o mesmo retrato prévio se tivesse inquirido os adolescentes por questionários ou entrevistas... Que vantagens apresenta, então, o recurso ao Sociodrama? Antes de mais, a vantagem de ter *visto* estes adolescentes em acção em vez de os ter simplesmente ouvido relatar. Pude observá-los em interacção, ver como na luta pela liderança entre J e F a agressividade de um se retrai à medida que a capacidade argumentativa do outro se desenvolve; como o excesso de peso da S a reenvia para uma hierarquização alternativa de prioridades, estranha para os colegas e como de um papel subalterno no grupo conquistou espaço de expressão. Em situações em que não é possível ou não é fácil acompanhar a população nos contextos de acção real, podemos ainda assim conhecê-los para além do mero relato verbal. Refiro-me, por exemplo, aos contextos de intimidade (o namoro, a casa familiar), que dificilmente estão abertos à observação. Refiro-me também, como era o caso deste grupo em concreto, à idade da população a observar: a faixa etária adolescente, tão distante da de qualquer investigador de campo, por jovem que fosse, dificultaria a participação deste no seu ambiente natural. Claro que no Sociodrama, aquilo a que se acede não é a situação “natural” mas uma representação dela. Mas se nos posicionarmos numa concepção compreensiva da acção social, o que nos interessa é precisamente o sentido atribuído pelo sujeito às situações sociais. O que é relevante não são os factos em si mas a forma como são entendidos pelos intervenientes na situação... e essa forma de entendimento é muito mais eloquente na representação do que unicamente no discurso. A diferença mais importante entre o “falar sobre” e o “agir” está em que este, sendo ainda uma forma de representação de si e do que o rodeia, liberta-se da ordem de sucessão cronológica a que o discurso tem necessidade de se prender para reorganizar os acontecimentos.

A hipótese que apresento é de que a mediação da experiência pela palavra ou pela acção não é indiferente, produzindo reconstituições da prática social não só distintas mas, no caso da reconstituição pela acção, menos controladas pela “arte de administrar impressões”⁷. Isto, porque o grupo de Sociodrama é um ambiente seguro em que os incidentes não têm as consequências embaraçosas de uma situação real e podem sempre ser corrigidos. Para adoptar a terminologia de

⁷ Utilizo propositadamente o conceito de Erving Goffman: *impression management*

Erving Goffman, as *intromissões inoportunas*, os *passos em falso* e os *gestos involuntários*⁸ capazes de perturbar o desempenho não implicam, no grupo de Sociodrama, desfechos dissonantes porque a repetição da cena permite evitar a sua ocorrência. É como se o grupo de Sociodrama funcionasse como um ensaio colectivo antes do desempenho real, ou, caso a situação dramatizada já tenha ocorrido, como se servisse de revisão para identificação dos erros *a posteriori*. Neste processo, o orientador do grupo está simultaneamente a conhecer o grupo e o respectivo meio social, e a possibilitar que ocorram mudanças no seu seio. Os ensaios e tentativas, com a ousadia que para os membros do grupo isso significa, têm virtualidades formativas e de intervenção social. A importância da exploração de papéis e da antecipação de consequências nas estratégias de prevenção social está comprovada⁹ e o Sociodrama, pelas técnicas que utiliza, concorre para a eficácia dessa intervenção. No caso do grupo descrito, destacaria a percepção dos inconvenientes do individualismo em certo tipo de tarefas e a consequente aprendizagem da cooperação. O peso das vantagens e desvantagens da cooperação foi experimentado pelos adolescentes (e não explicado aos adolescentes!) que por si mesmos redefiniram as suas acções individuais e colectivas¹⁰.

Há ainda a destacar o facto de no grupo de Sociodrama não se dramatizarem apenas situações reais. Como referi acima, ao pretender-se como um espaço de imaginação e espontaneidade, podem experimentar-se alternativas ao real, verosímeis ou não. Esta experimentação de como as coisas poderiam ser de outra forma dá a possibilidade aos elementos do grupo de saírem do seu quadro de definição da realidade e expandirem os limites da sua forma de agir, de reagir, de entender os outros e de perspectivar a vida. E este é o meio pelo qual, ao mesmo tempo que “mostram como é” se apercebem de que pode haver outras leituras acerca de “como é” e, mais importante, de que “pode ser de outra maneira”. A experimentação de papéis é o meio pelo qual se vivem as alternativas: a do veterinário que quero ser mas não estou preparado para tentar, a do vencedor de concurso televisivo inundado pela fama, a de namorada, que eu nunca fui e tenho medo de ser, etc.

Este alargamento de perspectivas traduz-se num treino de reflexão acerca do que fazemos e de porque o fazemos. É a “agency” humana e a correspondente capacidade de agir de outra forma¹¹. Essa capacidade relaciona-se com a reflexividade dos actores no próprio acto de agir, inerente a toda a acção humana, mas não consciencializada por todos da mesma forma. Por exemplo, inicialmente os elementos do grupo de adolescentes mostraram-se capazes de fazer escolhas individualmente e em grupo mas não de reconstituir o processo de decisão nem de encontrar as motivações e os conhecimentos que deram origem à decisão, como se encontrassem dificuldades na “monitorização reflexiva da acção”¹² intrínseca a toda a actividade humana. Ora, essa monitorização é que determina “a maneira como se faz”. Quando a única atitude consciente para o fazer é a derisão, ou a manifestação de um arbítrio, claramente os sujeitos não estão cientes das condições que envolvem a sua acção. Porque estes adolescentes fazem o que fazem nos tempos livres? Que grau de satisfação lhes dá o que fazem? Numa sociedade da modernidade tardia como é a nossa, essencialmente reflexiva, arrisco afirmar que a dificuldade na produção individual de reflexividade pode ser um factor de exclusão. Ora, o Sociodrama pode apoiar a percepção e o controlo da monitorização reflexiva pelos actores, expandindo o seu conhecimento acerca das circunstâncias envolvidas na produção da sua acção. Foi essa capacidade de reflexão

⁸ GOFFMAN, Erving, *A Apresentação do eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa, Relógio d'Água, 1993

⁹ Ver, por exemplo, MELO, Raúl, “Os quês e os porquês na prevenção primária das toxicodependências – parte 2” in *Toxicodependências*, ed. S.P.T.T., vol. 8, nº3, 2002: 69-75

¹⁰ Nesta experiência, foi fundamentalmente através de jogos que se redefiniram atitudes de cooperação. O jogo da ‘pilha humana’ surgiu recorrentemente: os adolescentes tinham de equilibrar-se em conjunto sobre um número cada vez mais reduzido de cadeiras até todos conseguirem partilhar o espaço exíguo de apenas uma.

¹¹ “Agency (...) presumes the capability of ‘doing otherwise’ in GIDDENS, Anthony, *Social Theory and Modern Sociology*, Polity Press, 1987, p.216

¹² Mais uma vez, adopto a terminologia de Anthony Giddens.

sobre a acção que se explorou por vontade e orientação dos próprios elementos do grupo. Este princípio de aprendizagem social voluntária favorece a eficácia da intervenção em Sociodrama.

Considerações finais

Procurei ilustrar, com base numa experiência profissional, a utilidade que o Sociodrama pode ter para um sociólogo. Bem sei que a utilidade descrita se prende com um perfil profissional específico, em que se pedem, por um lado, levantamentos de diagnóstico de populações e, por outro, intervenção social directa sobre as mesmas. O Sociodrama serve, neste perfil, para familiarizar o interventor com o meio intervencionado e para, em simultâneo, incentivar no grupo a reflexão acerca de si próprio de forma a possibilitar a mudança. Por seu turno, as sessões podem ir sendo reorientadas à medida que os dados adquiridos vão sendo trabalhados. É, portanto, mais a nível técnico que teórico que o Sociodrama pode ser melhor imbricado no trabalho do sociólogo. Creio, também, tratar-se de um procedimento mais adequado a fenómenos locais ou de micro-dimensão, mesmo se imaginarmos a sua conjugação com outras técnicas de investigação empírica.

Para validar esta experiência pessoal seria necessário que o Sociodrama fosse experimentado por outros colegas com o mesmo objectivo: como meio de, no mesmo acto, recolher dados e intervir. Seria também necessário fazer um estudo comparativo com as técnicas convencionais de recolha de informação. Face a estas, parece-me ter a vantagem de permitir ver o que não pode ser visto em ambiente natural e a desvantagem de ser um processo moroso.

Procurei descrever o Sociodrama de forma resumida mas suficientemente exaustiva para que outros colegas possam imaginar formas de cruzamento que ainda não descobri.

Bibliografia (activa)

- ABREU, J. L. Pio de, *O Modelo do Psicodrama Moreniano*, Coimbra, Quarteto, 2002 (2ª edição)
- GIDDENS, Anthony, *Social Theory and Modern Sociology*, Polity Press, 1987
- Idem, *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta, 1992
- Idem, *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta, 1994
- GOFFMAN, Erving, “A Ordem da Interação” in Yves Winkin (org.) *Os Momentos e os Seus Homens*, Lisboa, Relógio d’Água, 1999: 190-235
- Idem, *A Apresentação do eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa, Relógio d’Água, 1993
- MELO, Raúl, “Os quês e os porquês na prevenção primária das toxicodependências – parte 2” in *Toxicodependências*, ed. S.P.T.T., vol. 8, nº3, 2002: 69-75
- MORENO, J. L., *Fundamentos do Psicodrama*, S. Paulo, Summus, 1983
- NEGREIROS, Jorge, *Prevenção do Abuso do Álcool e Drogas nos Jovens*, Porto, Radicario, 1998 (2ª edição)
- SANTOS, Boaventura de Sousa, “Para uma sociologia da ausências e uma sociologia das emergências” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Out. 2002: 237-280
- SOEIRO, Alfredo Correia, *O Instinto de Plateia*, Porto, Afrontamento, 1990
- STRAUSS, Anselm, *La Trame de la Négotiation, Sociologie Qualitative et Interactionnisme – textes réunis et présentés par Isabelle Baszanger*, Paris, L’Harmattan, 1992